

*SEM DIÁLOGO NÃO HÁ COMUNICAÇÃO:
APROPRIAÇÕES DO CONCEITO DE DIÁLOGO
NA PERSPECTIVA DE BUBER, FREIRE E SODRÉ*

*Rafael Sad Assis Corrêa**

*Patricia de Nobrega Pécego Soares***

*Roberta Beatriz Cirillo Attene****

*Dimas Antônio Kunsch*****

RESUMO

O objeto de estudo deste artigo é o diálogo na perspectiva comunicacional. O objetivo central é trabalhar as teorias que fundamentam e conceituam o diálogo como um elemento essencial no processo comunicacional. Pautado na metodologia da revisão sistemática de literatura, concentrada nos estudos da comunicação, o artigo está dividido em duas seções: a primeira aborda os conceitos de diálogo, estudados por Martin Buber e Paulo Freire e a segunda reflete sobre o diálogo, a partir da criação de vínculo como essência do pro-

* <https://orcid.org/0009-0006-2638-9300> . <https://orcid.org/0009-0006-2638-9300> . Universidade Metodista de São Paulo. Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) sob orientação do Prof. Dr Antonio Roberto Chiachiri Filho. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Especialista em Comunicação e Design Digital (ESPM-SP) e Especialista em Juventudes no mundo contemporâneo (PUC-GO). Comunicador social - Publicitário profissional pela Universidade de Vila Velha (UVV).

** Universidade Metodista de São Paulo. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob a orientação da Profa. Dra. Camila Escudero. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Especialista em Comunicação e Marketing pela ESPM e Comunicação Organizacional pela Aberje / Syracuse. Comunicadora social – Jornalista profissional pela UMESP.

*** Universidade Metodista de São Paulo. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Especialista em Marketing (UMESP) e Gestão de Organização (PAULUS). Comunicador social - Relações-Públicas, profissional pela Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM).

**** Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em ciências da comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

cesso comunicacional, à luz de Muniz Sodré. Espera-se que a união das ideias destes três pensadores contribua com a inovação dos estudos da comunicação, ressaltando além do aspecto científico, a urgência da compreensão de que sem diálogo não existe comunicação.

Palavras-chave: Comunicação; Diálogo; Compreensão; Vínculo; Relações sociais.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com uma ideia tão afirmativa quanto a que está no título deste artigo - “sem diálogo não há comunicação”, pode parecer um tanto quanto pretensioso por parte dos autores. Mas não é e explicamos o porquê. A perspectiva comunicacional aqui adotada é aquela aprofundada por Muniz Sodré em sua obra “A ciência do comum - notas para um método comunicacional” (2014). Nela, o autor defende um resgate do estudo da relação, da criação de vínculo como objeto originário da ciência da comunicação. Sodré desenvolve o seu argumento demonstrando que, ao longo dos anos, este objeto ficou ofuscado em meio das diferentes e glamourosas pesquisas realizadas sobre os efeitos da comunicação ou sobre os seus meios.

Ao considerar este conceito comunicacional, o objetivo deste artigo é posicionar o diálogo como elemento essencial neste processo, pesquisando diferentes autores estudiosos do tema e considerando suas ideias e reflexões para traçarmos este paralelo. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática de literatura, no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES), pesquisando artigos revisados por pares e publicados nos últimos 20 anos, apresentados em qualquer idioma, considerando cinco diferentes combinações de palavras-chave, a saber: diálogo e comunicação no título; diálogo e comunicação em assunto; diálogo e comunicação em assunto e, vínculo em qualquer campo; diálogo e comunicação em assunto e, compreensão em qualquer campo e, por último; diálogo e comunicação em assunto e, relações em qualquer campo.

A primeira combinação nos trouxe textos que abordavam o diálogo entre a área da comunicação e outras áreas ou assuntos. Estes não foram considerados por não possuírem relevância em relação ao tema proposto para o artigo. As outras buscas apresentaram, ao todo, 31 resultados, sendo que alguns artigos se repetiram nas diferentes combinações e três deles se replicaram em mais de um idioma. Portanto, para elaborar este artigo, consideramos oito diferentes textos - sete em português e um em espanhol - com conteúdo que apresenta maior aproximação com o tema proposto para este estudo. Estes

artigos foram aprofundados, tornaram-se balizadores para análise e estado da arte do tema no âmbito acadêmico e foram apropriados na reflexão acerca dos conteúdos aqui analisados, com identificação das referências e autores.

Os textos selecionados dentro da revisão sistemática de literatura estão na tabela a seguir:

AUTORES	TÍTULO	ANO
Cicilia Maria Krohling Peruzzo, Ingrid Gomes Bassi e Carlos Humberto Ferreira Silva Junior	Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante	2022
Ana Luisa Zaniboni Gomes e Rose Mara Pinheiro	Vinte anos de fundamentação freiriana na produção do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom	2021
José Luis Aguirre Alvis	El Otro ¿mi límite o mi origen comunicativo?	2020
Ciro Marcondes Filho	No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber	2008
Ciro Marcondes Filho	Comunicabilidade na rede: chances de uma alteridade medial	2012
Dimas A. Künsch e José Eugênio de Oliveira Menezes	O terraço é o mundo: Vilém Flusser e o pensamento da compreensão	2017
Robson Santos Oliveira e Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra	Yakubinsky e o Círculo de Bakhtin: Aproximações	2012
Cleusa Maria Andrade Scroferneker, Lidiane Ramirez de Amorim e Rosângela Florczak de Oliveira	Diálogo e vínculo – contribuições para a lugarização de perspectivas complexas nas organizações	2016

Além das ideias centrais dos textos supracitados a partir da revisão literária, em sua primeira parte, este artigo promove um encontro entre Paulo Freire e Martin Buber, autores mais presentes nos artigos revisados,

conceituando o conceito de diálogo. Considerando que as pesquisas que fundamentam as correntes teóricas da comunicação geralmente fixam-se na produção e nos efeitos midiáticos, não explorando essencialmente a relação e a criação de vínculo, a segunda parte somará o conceito de comunicação como o encontro do comum, desenvolvido por Muniz Sodré (2014), destacando uma nova interconexão entre os três autores e a ampliação literária na perspectiva do diálogo e vínculo. Por fim, o artigo fará um paralelo entre os conceitos aqui demonstrados e a reflexão de que, sem diálogo, não há comunicação.

UM DIÁLOGO ENTRE BUBER E FREIRE

Parece ser impossível tratar do tema diálogo sem ao menos citar, uma vez que seja, Martin Buber e Paulo Freire. Os oito artigos aprofundados na revisão sistemática de literatura confirmam que estes autores são centrais no estudo do tema - por estarem presentes na maior parte deles como referências bibliográficas, e que suas abordagens convergem para um entendimento amplo do que é o diálogo. Para além disto, os artigos apoiaram a interpretação e a compreensão das obras de ambos os autores, no diálogo aqui citado.

O diálogo entendido epistemologicamente como ‘por intermédio da palavra’ (‘dia’ – por intermédio de, e ‘logos’ – palavra), para os autores é sinônimo de comunicação. Nota-se no cerne da práxis buberiana e freireana, o diálogo como sinônimo de existência humana e a comunicação como condição essencial a ela. Apesar do tangenciar dos pensamentos, se faz necessário entender separadamente os princípios dialógicos que estruturam as duas pesquisas. E, a partir daí, como propõe o objetivo do presente artigo, convergir as ideias estabelecendo um diálogo entre os dois autores, sem soar como um mero jogo de palavras.

Martin Buber (1878 – 1965) foi professor da Universidade de Frankfurt, onde lecionou diversas disciplinas, principalmente nas áreas da Religião e da Ética. Importante destacar que a concepção do pensamento buberiano não se dá de maneira linear, como uma filosofia pronta. Para Buber, a fonte do pensamento é a existência, a manifestação das convicções. Ele é um dos exemplos do verdadeiro vínculo de responsabilidade entre reflexão e ação. Para ele, é esta experiência existencial de presença no mundo que ilumina as reflexões (VON ZUBEN, 2009).

Neste aspecto, o pensamento buberiano nos direciona à uma análise mais profunda da perspectiva humana, entendendo suas complexidades e

especificidades. Essa circularidade ou, talvez, ‘não-linearidade’, associada aos estudos das correntes teóricas de comunicação, nos revela um desprendimento do funcionalismo comunicativo defendido pelos pesquisadores de sua escola e época. Para Buber (2009), ao contrário do que propõe o pensamento da comunicação de massa – que prevê um receptor passivo das mensagens impostas por um emissor hegemônico - o diálogo se apresenta numa dimensão ontológica do ser humano. Para aprofundar essa ideia, o autor descreve o diálogo a partir das palavras-princípio: Eu-Tu- e Eu-Isso.

O Eu-Tu é uma relação de reciprocidade. O autor define as duas partes não polarizando o processo comunicativo, porém, entendendo que é pelo diálogo ‘face-a-face’ que o Eu pode se encontrar de maneira ativa com o Tu, tornando-se um outro, um eu-tu, que pela relação, se unificam, se tornam um único sujeito, sendo impossível separá-los. Para Buber (2009) a categoria primordial da relação eu-tu é o entre. “O tu se apresenta ao Eu como sua condição de existência, já que não há Eu em si, independente. O Eu se torna Eu em virtude do Tu.” (VON ZUBEN, 2009, p. 27).

Enquanto o Eu-Tu reforça a alteridade das relações, para Buber, o Eu-Isso é a palavra-princípio que ilustra a efemeridade das experiências. O Isso instaura no mundo o lugar do suporte, do conhecimento, da utilização, nega ao outro, que o utiliza e o maneja como um objeto. A tratativa egoísta do Eu sobre Isso revela essa possessividade que não é característica de uma relação dialógica. É no diálogo que se é apresentada a totalidade dos homens e das mulheres. “Eu-Isso é posterior ao Eu-Tu. O Eu de Eu-Isso usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele, ordená-lo, estruturá-lo, vencê-lo, transformá-lo. Este mundo nada mais é que objeto de uso e experiência” (VON ZUBEN in BUBER, 2009, p. 28 a 32).

Entende-se, então, que as palavras-princípio são atitudes dos seres humanos diante do mundo. Se a atitude é de relação, de troca focada, no “entre” se tem um encontro Eu-Tu. Em contrapartida, se as atitudes são objetificadas, egoístas, com foco na experiência, no conhecimento, aí se revela o Eu-Isso. Para Buber, o dialógico é a forma explicativa do fenômeno do inter-humano, que implica a presença, um encontro mútuo (VON ZUBEN, 2009). As pesquisadoras Waldma de Oliveira, Ivanilde de Oliveira e Lyandra Matos (2020), em sua produção, sistematizaram e resumiram as ideias da filosofia buberiana num fluxograma conforme a figura a seguir:



Figura 1 - Palavras-princípio em Martin Buber

Fonte: (OLIVEIRA, 2020, p. 46, adaptação gráfica dos autores)

A narrativa poética e rebuscada de Buber nos faz pensar que tudo é uma simples metáfora. A sistematização do pensamento auxilia em seu melhor entendimento e, também, na aplicabilidade que ele se dá no cotidiano. O processo proposto inspirou muitos outros pesquisadores e sua síntese se dá quando Buber afirma que o mundo do Isso é coerente no espaço e no tempo, enquanto o mundo do Tu não apresenta esta coerência. O Tu deve se transformar em Isso após o término da relação e o Isso pode tornar-se um tu, se entrar em uma relação. Estes privilégios do mundo do Isso impelem o ser humano a acreditar que este é o mundo onde se deve viver, porque “oferece toda espécie de atrações e estímulos de atividades e conhecimentos” (BUBER, 2009, p.63).

O legado deixado por Martin Buber foi a introdução da temática do diálogo no âmbito da filosofia. Suas ideias estão concentradas no campo da relação. “Nem o Eu, nem o Tu estão no início de tudo; no princípio está simplesmente a relação” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 01). E esta relação é o que fundamenta os princípios de interação social no ambiente comum. Quando dialogam, as pessoas devem realizar uma autêntica imersão, assim como fazem com obras de arte ou da cultura em geral, que só se

tornam obras pela ação das pessoas. São elas que realizam ou não as coisas. “Podemos ver o mundo, o outro, as obras como um Isso [...], mas podemos vê-los, também, como um Tu, se deixarmos de lado a busca do conhecimento e nos entregarmos à relação. Só assim, pode se realizar a comunicação” (MARCONDES FILHO, 2008, p.01).

O diálogo também esteve presente em estudos aprofundados realizados por Paulo Freire, que se inspirou em Buber, para continuar a pesquisa sobre comunicação e transformação social. Paulo Reglus Neves Freire (1921 – 1997) patrono da educação no Brasil, desenvolveu uma metodologia de educação que extrapolava a “lógica bancária”, na qual os professores mestres (detentores da luz) simplesmente depositavam seus conhecimentos nas cabeças dos alunos (sem luz). Para Freire (1997) existem dois tipos de educação: a dominadora e a libertadora. A primeira descreve a realidade e transfere conhecimento; a segunda cria o conhecimento e método de ação-reflexão para a transformação da realidade. Os princípios ontológicos, ou as palavras-chave do pensamento freiriano são: diálogo, amor, empatia, esperança e humildade, sendo o diálogo a mais importante delas.

Essa dialogicidade é possível a partir do momento em que se entende o novo ambiente educativo que: 1) maximiza os recursos para autoaprendizagem; 2) gera motivação; 3) valoriza a autoexpressão e o autoconhecimento dos educandos; 4) entende o grupo como uma célula básica da aprendizagem e 5) acredita que o conhecimento é um produto social (KAPLÚN, 1987). Em outras palavras, é preciso transformar o conhecimento em um produto coletivo, comum, disponível para o intercâmbio, ou seja, pronto para ser comunicado (KAPLÚN, 1987).

Seguindo a mesma linha provocativa, Paulo Freire, em seu clássico texto “Extensão ou Comunicação?” (1998) exemplifica o debate trazendo a figura do agrônomo. O educador agrário que em sua prática de estudos e cuidados com a terra, muitas vezes desconsidera os saberes prévios dos camponeses, que apesar de afastados das técnicas academicamente tidas como corretas, possuem a vivência do espaço estudado. Freire conceitua extensão como “estender um ‘conhecimento’ elaborado aos que ainda não o tem, matando, deste modo, nestes, a capacidade crítica para tê-lo.” (FREIRE, 1998, p. 30). A partir desse conceito, provoca a necessidade de entender que na educação para além da extensão, é preciso diálogo. Para o educador é impossível conceber educação sem diálogo, sem troca, ou seja, sem comunicação. Por este caminho, as pessoas ganham significação enquanto pessoas. Outro fluxograma nos ajuda a compreender o pensamento freiriano:

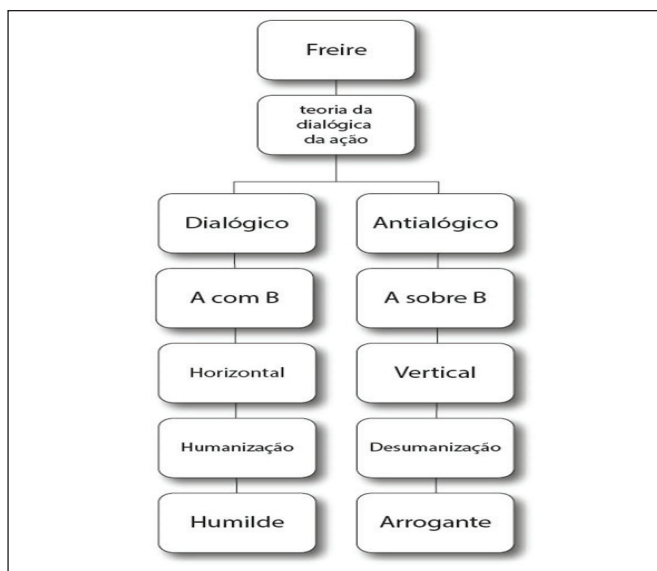


Figura 2 - Teoria da dialogicidade em Paulo Freire

Fonte: (OLIVEIRA, 2020, p. 48, adaptação gráfica dos autores).

É pelo diálogo que, na visão de Freire (1998), o oprimido pode recuperar sua condição de emancipação. Assim como, por meio dele, a educação passa a ser transformadora, concatenada com as questões territoriais e individuais dos estudantes. Do contrário, além de reforçar o espaço educativo como dominador, corrobora com a ideia de que as salas de aulas nascem, se esvaziam e morrem nelas mesmas.

Assim como as atitudes Eu-Tu exploradas por Buber, a relação educador-educando não é coerente ao espaço tempo, pois além de cada Tu / Estudante ter suas singularidades, o foco dessa relação está na troca. O professor possui um conhecimento A e o estudante um conhecimento B, ao trocarem eles não geram simplesmente o produto dessa soma, e sim, um novo conhecimento C que é concebido no “entre” no que há de mais sinérgico na relação de encontro: o diálogo. Porém, quando se trata de uma relação educativa, ela precisa produzir impacto e extrapolar os muros da sala de aula. Aí entra a atitude Eu-Isso que o estudante terá diante do conhecimento adquirido. Agora sim, ele precisa ser coerente com o espaço e com o tempo, ressignificando-os de acordo com o território em que vive.

Ao juntarmos os fluxogramas expostos nas Figuras 1 e 2, chegamos a uma proposta de compilação e unidade entre os pensamentos de Freire e Buber, os quais são expostos na Figura 3, como sugestão diferenciada deste artigo, a saber:

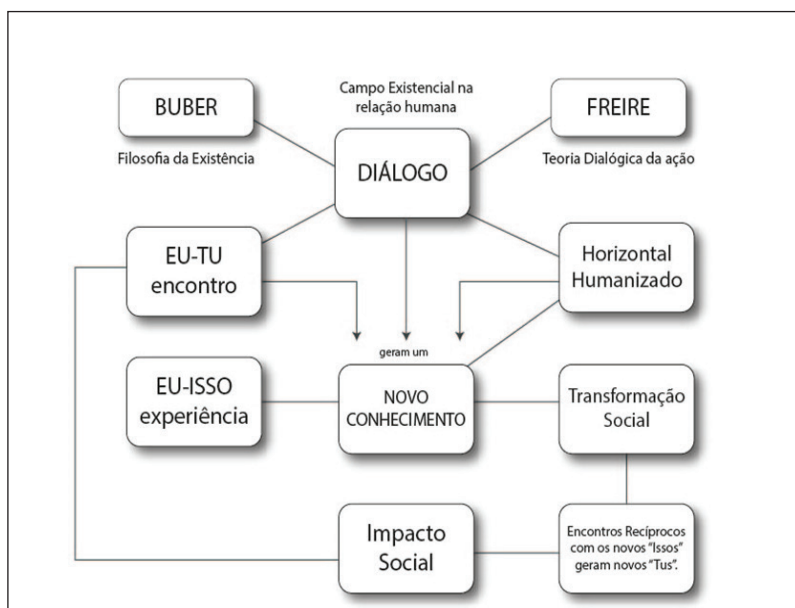


Figura 3 - O diálogo em Buber e Freire

Fonte: elaboração dos autores, 2023

O fluxograma acima propõe o diálogo como campo existencial da relação humana, caracterizado como Filosofia da existência por Martin Buber e exposto na Teoria Dialógica da Ação de Paulo Freire. O encontro humanizado e horizontal na relação Eu-Tu gera um novo conhecimento que não é tido como a soma, mas como uma relação inseparável, um “entre”. Esse novo conhecimento levado à sociedade gera transformação social. A atitude diante do novo conhecimento é de experiência, ou seja, da relação Eu-Issos, que não pode e não morre em si. Ao entrar em contato com novas realidades, causando impacto social, emancipa novos Issos a também tornarem-se Tus. E nesse movimento cíclico, infinito, a comunicação vai se fazendo e refazendo, sempre partindo da premissa dialógica. A partir daí, algumas pistas e talvez um quadro-resumo sobre o pensamento dialógico em Buber e Freire:

O diálogo
Nos humaniza e nos coloca como existentes mediante a relação com o outro
Fundamenta-se na relação e no entre-lugar, onde demarcamos nossa existência em comunhão com o outro, com a natureza e com Deus
Viabiliza ações éticas e políticas de reconhecimento do outro como cidadão, rompendo o discurso do fatalismo histórico e evidenciando sua autonomia como pessoa e sujeito social
Entre “educador e educando”, tem como princípio o respeito com a humanização dos envolvidos, com base na alteridade
Mantém viva a utopia de uma sociedade mais justa, humana, livre e solidária

O diálogo é um encontro entre nós! E, usando dos princípios ontológicos freirianos, ousamos dizer que o essencial para o diálogo é o amor. Ou como diria Buber “o amor é algo que ‘acontece’ entre dois seres humanos, além, do Eu e alguém do Tu na esfera ‘entre’ os dois (BUBER, 2009, p.33). E, Freire completaria dizendo que “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para humanização de todos” (FREIRE, 1976, p. 51).

O DIÁLOGO COMO ESSÊNCIA COMUNICACIONAL A PARTIR DA CRIAÇÃO DE VÍNCULO

Considerando os importantes apontamentos das grandes referências bibliográficas, no caso destacados Buber e Freire, sempre associados a uma perspectiva dialógica, um ponto fundamental é colocado em destaque: o de entender qual seria a motivação para a efetividade na relação Eu-Tu no processo comunicacional.

Segundo Muniz Sodré (2014), comunicar-se é estar em comum. Para isso, é necessário o vínculo, entendido como um campo de identificação, acionado pela linguagem e língua, transformando o ser em ser-comum. O vínculo é a harmonia, a reconciliação, a identificação da subjetividade, o local público e coletivo, abrangente e aberto para novas possibilidades. Um laço invisível da vinculação, que cria ambientes, memórias e percepções. Local em que o ser se identifica como parte do todo e transforma sua participação social, sua comunidade em membros que se reconhecem e são reconhecidos pelos outros em uma grande rede. É nesta “comunidade” que a comunicação é criada, no presente do estar-junto, do ser-com “Isto fica implícito, aliás, na fórmula buberista do eu-tu”. (SODRÉ, 2014, p. 209).

O autor aqui já mencionado, *Ciro Marcondes Filho* (2008), ao citar sua análise sobre a obra de Buber, destaca que “(...) a relação é o espaço “entre”, é esse ambiente comum, essa coisa que ata os homens numa interação social.” (MARCONDES FILHO, 2008, p.1). Destaca ainda, que esta relação pressupõe o não julgar e/ou dominar o outro, mas uma verdadeira entrega ao conhecimento e aproximação gerando, portanto, a comunicação.

Com base nos estudos supracitados, percebe-se que a conexão, empatia, aproximação e identificação com o outro proporcionam um fator fundamental: o vínculo. Entretanto, este termo ou até mesmo o conceito é pouco explorado como parte do processo comunicacional, uma vez que ele é resultado de todos estes aspectos que envolvem e criam as relações sociais. Como diz *Aguirre Alvis*, “O encontro relacional com o outro em que se concretiza a experiência comunicativa assume-se tanto a partir de uma dimensão existencial como humanística” (AGUIRRE ALVIS, 2021, p.1). Neste sentido, poderíamos considerar a comunicação como uma lógica situacional, na qual sem vínculo não há diálogo, assim como sem diálogo, não há comunicação, e para que exista comunicação é necessária a participação de um outro, gerando, portanto, um ciclo virtuoso deste processo (proposta nossa).

Entendendo a importância do vínculo no processo de comunicação e como fator fundamental ao diálogo, realizamos uma análise sobre o vínculo a partir do levantamento bibliográfico sistemático como forma de verificação do estado da arte, em conexão com as buscas dos conceitos de diálogo e comunicação. Como resultado, percebe-se a recorrência da associação do vínculo como algo inerente ao processo comunicacional, mas pouco explorado enquanto terminologia e sua correlação diretamente. Dos oito textos analisados, apenas um deles explora o termo vínculo em si: o artigo *Diálogo e vínculo – contribuições para a lugarização de perspectivas complexas nas organizações das autoras Cleusa Scroferneker, Lidiane Amorim e Rosângela de Oliveira* (2016). As autoras discursam sobre o diálogo, chegam a citar o termo “vínculo” mais de 30 vezes como fundamental para sua efetividade, porém, não aprofundam a temática. Segundo as autoras, a comunicação anteriormente era vista como um processo envolvido pelos paradigmas mecanicistas das teorias e escolas clássicas da administração, sujeitos portanto a simplificação e linearidade, com o objetivo de apenas “funcionar”, trazendo estabilidade, previsão, precisão, coerência e eficiência. As pessoas, as relações e as atividades eram consideradas parte de uma engrenagem, ou seja, o ser humano foi reduzido a sua causalidade.

Após este período de mais de 50 anos, surgem então as teorias dos sistemas ou também chamadas sistêmicas, pautadas nas análises antropológicas e sociológicas, advindas do funcionalismo e estruturalismo, que trazem à tona um olhar emergencial para o ser humano como parte do processo social e até organizacional. Elas compreendem a necessidade de olhar o ambiente como um sistema completo, envolvendo as necessidades biológicas, sociais e psicológicas, para além de sua função mecânica e produtiva. Percebe-se uma certa “demanda”, identificada inclusive na própria contemporaneidade, de obter maior inclusão e legitimação do ser, a partir de uma visão para as múltiplas dimensões, buscando compreender quais seriam as interações, simbolismos, pensamentos, palavras, atitudes, sentimentos e sensações do meio social.

Para Dimas A. Künsch e José Eugênio Menezes (2017), as noções de discurso e diálogo são marcadas nos primórdios da Teoria da Informação (meados de 1970). O discurso abordaria, portanto, o processo de transmissão de informações entre emissores e receptores informados, enquanto o diálogo seria o processo em que diversos detentores da informação (sejam elas completas, parciais e até duvidosas), trocam entre si com o objetivo de gerar uma nova informação. A teoria da comunicação partiria, então, de uma análise interpretativa da interação humana e não apenas da informação. Dimas Künsch ao citar Vilém Flusser, indica que a isso se dá o nome de comunicação dialógica: “aquela que contribui para a construção de novos modos de saber e de compreender” (FLUSSER apud KÜNSCH, 2016, p. 6)

Nesta perspectiva, como forma de ampliar a importância do vínculo como parte do processo dialógico e, conseqüentemente, da comunicação, além de contribuir com outros autores para as análises aqui sugeridas, propomos a integração da visão sociológica do autor e jornalista brasileiro Muniz Sodré. Para ele, a comunicação é algo inerente ao ser humano. Sem ela, não há conexão entre as pessoas e não há relacionamentos. Ela é a ciência que estuda a criação dos vínculos, por isso, merece um olhar muito mais amplo e aprofundado. “Os seres humanos são comunicantes, não porque falam [...], mas porque se relacionam ou organizam mediações simbólicas - de modo consciente ou inconsciente - em função de um comum a ser partilhado” (SODRÉ, 2014, p. 9).

A própria etimologia da palavra comunicação já nos aponta no termo para a presença do “agir em comum” ou “deixar agir o comum”. A proposta é entender a comunicação como uma forma modeladora, um processo de pôr as diferenças em comum, por meio de trocas reais, da reciprocidade em uma relação viva. Ao longo dos anos, os estudos do campo acadêmico da

comunicação foram direcionados para os fenômenos de trocas discursivas ou de transformações da mídia. Estes temas são sintomas importantes, mas não são o objeto científico do problema de comunicação, o qual acabou ficando pouco visível na história. O escopo comunicativo foi reduzido a uma única dimensão antropomórfica – consciente, verbal, restrita ao par emissor / receptor – e, deixa escapar a complexidade da comunicação. Ao tratarmos a comunicação nesta perspectiva ampliada, ela passa a ser vista como a ciência redescritiva do comum humano, desde sua existência como o laço coesivo de uma comunidade até às relações sociais regidas pela mídia. Sendo assim, o problema inicial da comunicação é o comum, seguido pela inteligibilidade do processo de produção de sentido e de discursos sociais (SODRÉ, 2014).

Como Sodré destaca, não é distanciar-se do valor dos estudos da mídia e o funcionamento no mercado, mas é unir as duas perspectivas, é olhar a mídia, inclusive, na visão da compreensão da comunicação, como constituinte de algo maior do que a “implicada na superfície dos dispositivos tecnológicos e seus efeitos.” (SODRÉ, 2014, p. 311). Propõe, portanto, voltar para a gênese da comunicação, ao seu real sentido e valor, a sua função social de interação e conexão humana, de diálogo, de identificação e de vínculo. O “voltar” à essência da comunicação, ao referenciar a etimologia da palavra, é uma ação que surge somente a partir do vínculo, ou seja, no lugar comum da existência.

Sodré acentua ainda a importância do “revelar-se” na comunicação, uma vez que o radical da palavra comunicação, a sua essência, está no “fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano, a resolução aproximativa das diferenças pertinentes em formas simbólicas” (SODRÉ, 2014, p. 15), sendo que as coisas, as diferenças e os seres se aproximam como estruturas comunicantes porque existe o “vínculo originário (uma marca de limites, equiparável ao sentido) estabelecido pelo símbolo.” (SODRÉ, 2014, p. 15). O símbolo, para o autor, não é visto como uma figura secundária de linguagem, mas como a função de relacionar-se, de pôr em comum, “como originárias mediações simbólicas que se desdobram em economia, psiquismo, parentesco, política e linguagem.” (SODRÉ, 2014, p. 15).

A comunidade é então indicada como “o comum”, ou seja, de um ser-com em um aí específico instaurada na “condição de possibilidade de qualquer troca - uma condição baseada na entrega total [...] do indivíduo a uma dinâmica de diferenciação e aproximação” (SODRÉ, 2014, p. 212), enquanto sociedade, seria um estar-junto-com relacionados a indivíduos autônomos

em um local abstrato. Nesta perspectiva, segundo o autor, o afastar-se ou diferenciar-se estão imbricados na preposição com, da palavra comunidade. Muito embora, na mesma proporção, este com gera o vínculo aos outros. É no vínculo que o indivíduo se distancia de si, se esvazia, perdendo sua identidade e subjetividade em detrimento satisfatório para abertura ao outro.

Em síntese, a compreensão do outro está intrínseca no âmbito do comum, “uma vez que a existência é *Da-sein*, isto é, *estar-aí*, ser-no-mundo, que significa ‘trazer consigo ou começar trazendo consigo o círculo, o âmbito do possível fazer-se manifesto’ (SODRÉ, 2014, p. 211). Existir é poder ‘ser-com’ num ‘aí’. Esta possibilidade abre espaço para muitas descobertas que passam a fazer parte da existência e, portanto, já são compartilhadas com outras pessoas. ‘Estar junto’ é estar aberto ao outro, como um descobridor. ‘Num aí’ é o espaço que o ser humano se move, ou seja, o mundo (SODRÉ, 2014).

Abraçando este olhar não reducionista indicado como fundamental por Sodré, engloba-se aqui o pensamento compreensivo aplicado à comunicação dialógica, que assume a multiperspectividade do conhecimento fugindo de uma redução cognitiva (KÜNSCH, 2016). “A realidade, vista como rede de forças, e não, redutivamente, como uma simples relação de causa e efeito, convoca os saberes, os conhecimentos (...) para se comunicarem, marcando um encontro de tipo eu-tu...” (KÜNSCH, 2016, p. 13). É no coração da epistemologia compreensiva que o tema da comunicação “emerge da diversidade e que vincula os diversos entre si para o universo ou multiverso compreensivo, estabelecedor de diálogos, abraçador de sentidos e perspectivas diversas, amorosa e compreensivamente.” (KÜNSCH, 2016, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atitude Eu-Tu é uma relação horizontal, entre pares, entre iguais, não tem como ser separada. Caso seja, será uma atitude Eu-Isso, de experiência, onde o Eu exerce sobre o Isso uma relação de objetificação, de aproveitamento, de não igualdade, hierarquicamente determinada. Na tentativa de aproximar o pensamento de Martin Buber, Paulo Freire e Muniz Sodré, o que se tornou o diferencial deste artigo, duas questões são levantadas: 1) estaria o entendimento sobre o objeto da comunicação refletido na ciência do comum, na relação Eu-Tu? 2) Teriam as pesquisas e estudos da comunicação direcionados seus esforços para a experiência Eu-Isso?

As pesquisas realizadas ao longo dos anos e que fundamentam as grandes correntes teóricas da comunicação, em sua maioria, focaram seus esforços

na estruturação do processo comunicativo, e a partir dele, na produção e nos efeitos que a mídia exerce sobre a sociedade - sendo este processo informativo muitas vezes tratado como sinônimo de comunicação. Essa imponência de um dos lados da dita estrutura comunicativa torna-se uma experiência Eu-Isso, ao tirar a reciprocidade do processo e não gerar vínculos. A urgência aqui posta é pensar a comunicação no âmbito das relações, da criação de vínculos. Do diálogo na relação Eu-Tu como essência desta comunicação. Sem perder de vista a trajetória dos estudos de comunicação, que tanto contribuíram para as correntes teóricas existentes. A proposta, portanto, é retomar o seu objeto originário, o laço coesivo que une as pessoas, o comum e entender a comunicação como fenômeno a partir da ótica dialógica. Novos estudos e pesquisas podem refletir e aprofundar como a comunicação impacta e potencialmente transforma a vida das pessoas e das instituições.

Uma pista para essa urgência é deixada pelos autores aqui abordados. Na apresentação de seu livro, Sodré aponta o imperativo acadêmico de se buscar uma síntese positiva, numa “ciência do comum”, o resgate da potência reflexiva do campo comunicacional, no qual se faz ausente um consenso intelectual quanto a grandes ideias capazes de reorientar o pensamento social. Com base nesta provocação e, usando a metáfora que o próprio Martin Buber utiliza em sua obra “(...) no diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer” (BUBER, 2009, p. 53), fica a reflexão: onde há transformação, há comunicação e se há comunicação, há compreensão, há vínculo e há diálogo.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE ALVIS, José. **“El Otro ¿mi Límite O Mi Origen Comunicativo?”** Chasqui 1.145 (2020): 23-38. Rede.
- BASSI, Ingrid Gomes. SILVIA, Carlos Humberto. PERUZZO, Cíclia Maria Khroling. **“Diálogo Em Paulo Freire Nas Interfaces Com a Comunicação Popular E Comunitária E a Pesquisa Participante.”** Comunicação & Educação 27.2 (2022): 33-48. Web.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed., 3ª. Reimpressão. São Paulo: Centauro, 2009.
- CAPEs. **Portal de Periódicos da Capes.** Disponível em: <www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DE OLIVEIRA, Robson Santos, and Maria Da Conceição DINIZ PEREIRA DE LYRA. **“Yakubinsky E O Círculo De Bakhtin: Aproximações.”** Paidéia Cadernos De Psicologia E Educação 22.52 (2012): 261-70. Web.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GOMES, Ana Luísa Zaniboni, PINEHRI, Rose Mara. **“Vinte Anos De Fundamentação Freireana Na Produção Do Grupo De Pesquisa Comunicação E Educação Da Intercom.”** *Comunicação & Educação* 26.2 (2021): 58-72. Rede.

KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogia da comunicação**. In: APARICI, Roberto (org.). *Educação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59-78.

KÜNSCH, Dimas A. **Compreender: indagações sobre o método**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2020, p. 21-38.

_____, Dimas A.; CARRARO, Renata. **A Compreensão, a explicação e a comunicação: uma breve explicação sobre por que não gostamos tanto de explicação**. *Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2019, Belém - PA – 2 a 7/09/2019*. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0693-1.pdf>>. Acesso em 9 ago. 2021.

_____, D. **A academia, a comunicação e a compreensão. Saberes plurais em roda de conversa**. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 8, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2811>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **“No Diálogo Com O Outro, a Crisálida Pode Tornar-se Borboleta, a Comunicação Tem Chance De Acontecer. Sobre Martin Buber.”** *Em Questão* 14.1 (2008): 95-105. Rede.

_____, Ciro. **“Comunicabilidade Na Rede: Chances De Uma Alteridade Medial.”** *Significação (Ribeirão Preto)* 39.37 (2012): Significação (Ribeirão Preto), 2012, Vol.39 (37). Web.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2009

MENEZES, José Eugênio De Oliveira. DIMAS A. Künsch. **“O Terraço é O Mundo: Vilém Flusser E O Pensamento Da Compreensão.”** *Galáxia* 35 (2017): 119-31. Web.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. AMORIM, Lidiane Ramirez. DE OLIVEIRA, Rosângela Florczak. **Diálogo e vínculo – contribuições para a lugarização de perspectivas complexas nas organizações**. *Famecos* n.3 (2016).

SODRÉ, M. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.